

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA DO TURISMO E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Rafael Pessanha Gois

Olhares que acendem memórias: a percepção infantil do patrimônio cultural no Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro

Juiz de Fora

2026

Rafael Pessanha Gois

Olhares que acendem memórias: a percepção infantil do patrimônio cultural no Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Gestão Pública do Turismo e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de Especialização em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior.

Juiz de Fora

2026

Imprimir na parte inferior, no verso da folha de rosto a ficha disponível em:
<https://www2.ufjf.br/biblioteca/servicos/#ficha-catalografica>

Rafael Pessanha Gois

Olhares que acendem memórias: a percepção infantil do patrimônio cultural no Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Gestão Pública do Turismo e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de Especialização em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional:

Aprovada em 31 de Março de 2026

BANCA EXAMINADORA

Doutor Edwaldo Sérgio dos Anjos Junior - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Doutora Marcela do Nascimento Padilha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Doutora Romilda Aparecida Lopes
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais e minha namorada, todos são pilares de inspiração e suporte inabalável nessa jornada acadêmica. A Deus, pela força renovada todo dia; aos meus pais, pelo exemplo ético, incentivo e alicerce familiar; e a minha namorada, pelo companheirismo afetuoso, paciência e apoio incondicional. Essa conquista reflete o amor e a confiança cotidianos que vocês me oferecem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UFJF, ao orientador Prof. Dr. Edwaldo Sérgio dos Anjos Junior e à banca examinadora pela oportunidade de concluir esta etapa acadêmica com rigor e acolhimento. Agradeço também aos profissionais do Centro Histórico pelo trabalho diário e constante, às crianças e escolas participantes pela colaboração generosa que enriqueceu este estudo.

RESUMO

O presente trabalho se debruça sobre o imaginário infantil frente aos espaços, suas representações e relações. Tem como objetivo analisar a percepção infantil sobre o patrimônio histórico e cultural do Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, a partir de experiências de visita mediadas pelo Centro Histórico e Cultural do CBMERJ. A pesquisa buscou compreender de que forma as crianças constroem sentidos, memórias e vínculos afetivos com o patrimônio institucional, considerando o museu como espaço de educação não formal e formação cidadã. Como metodologia, foram analisadas atividades, especialmente a de desenhos produzidos pelas crianças após a visita, aliada à observação participante da pesquisa exploratória e à pesquisa bibliográfica, com base nos estudos sobre educação patrimonial e mediação museal. A pesquisa fundamenta-se na compreensão de que os olhares infantis revelam dimensões do patrimônio cultural, muitas vezes invisibilizadas pelas abordagens tradicionais, contribuindo para práticas educativas mais sensíveis, participativas e alinhadas ao cotidiano dos sujeitos.

Palavras-chave: Museu – Infância – Corpo de Bombeiros.

ABSTRACT

The present study aims to analyze children's perceptions of the historical and cultural heritage of the Central Headquarters of the Military Fire Department of the State of Rio de Janeiro, based on mediated visitation experiences at the CBMERJ Museum. The research sought to understand how children construct meanings, memories, and affective bonds with the institutional heritage, considering the museum as a space of non-formal education, educational tourism, and civic formation. As a methodology, activities were analyzed, particularly the drawings produced by the children after the visit, combined with participant observation and bibliographic research, grounded in studies on heritage education and museum mediation. The research is based on the understanding that children's perspectives reveal dimensions of heritage cultural that are often rendered invisible by traditional approaches, contributing to more sensitive, participatory educational practices aligned with the everyday lives of the subjects.

Keywords: Museum – Childhood – Fire Department.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	– Mapa da Área Central da Cidade do Rio de Janeiro – Localização do Quartel Central do Comando Geral – QCG	17
Figura 02	– Antigo Museu Histórico do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro – Quartel do Méier	18
Figura 03	– Desenho entregue de forma espontânea após a visita	20
Figura 04	– O primeiro e segundo quadrante do Museu respectivamente.....	24
Figura 05	– Terceiro e o quarto quadrante do Museu respectivamente	24
Figura 06	– Sala imersiva e Sala Kids respectivamente.....	25
Figura 07	– Pátio Operacional	26
Figura 08	– Moto Aquática	27
Figura 09	– Quadra de futebol	27
Figura 10	– Viatura do Corpo de Bombeiros	28
Figura 11	– Viatura do Corpo de Bombeiros 2	29
Figura 12	– Viatura do Corpo de Bombeiros 3.....	29
Figura 13	– Viatura do Corpo de Bombeiros 4.....	30
Figura 14	– Viatura do Corpo de Bombeiros 5	30
Figura 15	– Viatura do Corpo de Bombeiros 6.....	31
Figura 16	– Muares.....	32
Figura 17	– Viatura do Corpo de Bombeiros 7.....	33
Figura 18	– Mediação que ocorreu no dia 04/03/2026.....	34
Figura 19	– Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 01.....	35
Figura 20	– Viatura de Bombeiro do Corpo de Bombeiros 02.....	36
Figura 21	– Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 03.....	37
Figura 22	– Banda do Corpo de Bombeiros.....	37
Figura 23	– Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 04.....	38
Figura 24	– Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 05.....	39
Figura 25	– Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 06.....	40
Figura 26	– Viatura do Corpo de Bombeiros e a criança que o desenhou.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2.1 O OLHAR INFANTIL NA PRODUÇÃO DE MEMÓRIA.....	12
2.2 GESTÃO PÚBLICA DO TURISMO.....	15
2.3 SOBRE O CBMERJ E SEU MUSEU.....	16
3 METODOLOGIA.....	19
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
4.1 DESCRIÇÃO DO ROTEIRO DENTRO DO MUSEU.....	23
4.2 OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro abriga um conjunto patrimonial de relevância histórica, simbólica e cultural, materializado em seu edifício, em suas práticas institucionais e no acervo do Centro Histórico do CBMERJ. Inserido no Centro Histórico da cidade do Rio de Janeiro, esse espaço ultrapassa a função operacional da corporação e se apresenta como território educativo, de memória e de construção de identidades, tanto para os Bombeiros Militares quanto para a sociedade civil.

O ponto de partida deste trabalho surge de um acontecimento curioso, que impactou este pesquisador. Durante uma visita realizada há cerca de três anos, observou-se que algumas crianças de aproximadamente 10 anos, por iniciativa própria após fazer a visita guiada no Quartel e no museu do CBMERJ, produziram um desenho em suas escolas representando o que aquela experiência no Quartel Central/Museu significou para elas. O desenho apresenta forte centralidade na viatura do Corpo de Bombeiros e no edifício que está inserido. A escolha do vermelho intenso sugere associação direta com a identidade visual da corporação e com a ideia de ação e emergência. Nas laterais, aparecem duas estruturas verticais também em vermelho, com janelas destacadas em preto, possivelmente representando prédios e uma outra estrutura em vermelho com janelas azuis.

Esse movimento espontâneo revelou indícios importantes sobre como a visita foi percebida, sentida e ressignificada no cotidiano escolar, despertando uma hipótese de pesquisa e a possibilidade de investigar, de forma sistemática, os significados atribuídos pelas crianças à experiência patrimonial vivenciada.

Diante desse cenário, emerge a necessidade de investigar o patrimônio a partir do olhar da criança, reconhecendo-a como sujeito social, produtora de sentidos e portadora de saberes. Estudos no campo da educação museal e da educação patrimonial defendem a centralidade da infância como público legítimo dos museus, ressaltando a importância de práticas mediadoras que valorizem a expressão, a sensibilidade e a experiência vivida (Gabre, 2019, p. 515, Silva, 2020, p. 383-386).

Além disso, a incorporação do turismo pedagógico no debate sobre educação patrimonial permite questionar modelos hegemônicos de valorização do patrimônio, frequentemente distanciados do cotidiano dos sujeitos, pensar o patrimônio a partir das experiências concretas, das memórias afetivas e das relações cotidianas é fundamental para uma educação patrimonial mais democrática e inclusiva. Nesse sentido, o olhar infantil, expresso por meio de desenhos, narrativas e percepções sensoriais, revela-se um caminho para ressignificar o

patrimônio do Quartel Central, aproximando-o da vida, da emoção e da memória social, fundamental para incorporar olhares infantis e de grupos historicamente marginalizados, rompendo com visões “adultocêntricas” e hierarquizadas e focando em narrativas sensíveis e das experiências vividas.

Diante desse contexto, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: de que maneira as crianças percebem, sentem e representam o patrimônio do Centro Histórico do CBMERJ após a experiência de visita e como essas representações podem contribuir para a construção de práticas educativas mais dialógicas, participativas e socialmente referenciadas?

Assim, este trabalho analisa como as crianças percebem e representam o patrimônio do Museu do CBMERJ após a experiência de visita, contribuindo então para o fortalecimento de práticas educativas mais participativas, sensíveis e alinhadas às discussões contemporâneas sobre educação patrimonial, museus e cidades educadoras.

Este trabalho está estruturado em cinco partes. Inicialmente, a introdução apresenta o tema, o problema de pesquisa, os objetivos e a contextualização do estudo. Em seguida, o referencial teórico discute os principais conceitos que fundamentam a pesquisa, abordando o olhar infantil na produção de memória, a gestão pública do turismo e a contextualização histórica do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro e de seu museu. Na sequência, a metodologia descreve os procedimentos adotados para a realização da pesquisa, incluindo a abordagem qualitativa, a observação participante e a análise dos desenhos produzidos pelas crianças. Posteriormente, são apresentados os resultados e a discussão, nos quais são analisadas as percepções infantis sobre o patrimônio a partir das experiências de visita ao museu. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados da pesquisa e apontam possíveis contribuições para as práticas de educação dentro do Museu da Corporação.

2.1 O OLHAR INFANTIL NA PRODUÇÃO DE MEMÓRIA

Pesquisadores confirmam o predomínio do público escolar nos museus brasileiros (50-99% das visitas infantis). Embora persista a visão de “minoridade intelectual” das crianças (Silva, 2020, p. 388), é importante compreender o olhar infantil e as concepções contemporâneas de infância e dialogar com os Estudos da Infância e a Geografia da Infância.

Este campo enfatiza a relação inseparável entre crianças e espaço, conceituando a infância não como mera fase biológica ou preparação para a vida adulta, mas como experiência situada, atravessada por espacialidades e relações sociais concretas, produzidas em contextos históricos e culturais específicos (Lopes, 2008, p. 75-76; 2017, p. 102-105; 2022, p. 6-9).

A infância, assim, configura-se como categoria sociológica e geográfica, construída histórica e socialmente, plural em suas manifestações e marcada por elementos como território, cultura, geração e classe. Ao aproximar crianças e espaço geográfico, a Geografia da Infância rompe com visões que tratavam a criança como objeto passivo de socialização, reivindicando seu lugar como sujeito que produz culturas, territorialidades e geografias próprias. Trata-se de um campo que busca compreender “as crianças e suas infâncias através do espaço geográfico e das expressões espaciais que dele se desdobram”, reconhecendo que elas possuem lógicas próprias de ser e estar no mundo, forjando leituras autorais dos lugares que habitam (Lopes, 2008, p. 66-68, 2017, p. 103-105, 2022, p. 6-8).

Essa mudança epistemológica é fundamental para este estudo, pois sustenta a defesa da percepção infantil como categoria teórica e analítica. Se as crianças são sujeitos sociais ativos, suas formas de ver, sentir e representar o mundo não podem ser tratadas como meras ilustrações, mas como produções legítimas de sentido. Desenhos, narrativas e outras expressões sensíveis tornam-se, assim, dispositivos analíticos para compreender como o patrimônio é apropriado, reinterpretado e ressignificado pelas crianças, compondo aquilo que Lopes denomina geografias das infâncias, marcadas por afetos, curiosidades e imaginação.

Ao afirmar o espaço como dimensão constitutiva da existência humana, a Geografia da Infância rompe com a concepção de espaço como simples cenário físico. O espaço é entendido como produção social e simbólica, forjada pelas linguagens, pelas relações e pela experiência vivida, atravessada por afetos, disputas e significados (Lopes, 2008, p. 67-69, 2017, p. 103-105). As crianças, portanto, não apenas ocupam espaços institucionais, como o museu; elas os produzem simbolicamente, inscrevendo neles suas próprias geografias, modos de circular, observar, brincar e lembrar.

Essa perspectiva permite diferenciar memória institucional e memória social. A memória institucional organiza-se por meio de narrativas oficiais, documentos, curadorias e discursos legitimados por estruturas de poder. Já a memória social emerge das experiências vividas e das múltiplas vozes que atravessam o espaço, incluindo as vozes infantis. Quando uma criança visita um espaço histórico e o representa por meio do desenho, ela não apenas reproduz a narrativa institucional, mas a interpreta, reconfigura e articula com seu repertório simbólico. Nesse gesto, produz memória social, isto é, uma memória relacional e situada, construída na interface entre experiência espacial, imaginação e cultura (Lopes, 2008, p. 67-69, 2017, p. 102-105, 2022, p. 6-9).

O olhar da criança possui posição historicamente reducionista desse público, marcadas por narrativas adultocêntricas e discursos institucionais que frequentemente desconsideram suas

formas singulares de percepção, expressão e produção de sentido (Lopes, 2008, p.79-80). A investigação de desenhos infantis possibilita acessar dimensões sensíveis, simbólicas e afetivas da experiência patrimonial, revelando como o espaço do quartel, os objetos, as práticas e a simbologia do Corpo de Bombeiros são apropriados e ressignificados.

Gabre (2019, p. 522) reforça essa perspectiva ao criticar a "escolarização" do museu como equívoco, defendendo um "fazer educativo-museológico" baseado nas especificidades de cada público e alinhado às transformações do mundo contemporâneo. Nesse sentido, romper com visões reducionistas e adultocêntricas, permitindo a emergência de um novo paradigma educativo centrado na dimensão humana infantil, é essencial para novas políticas museais (Lopes, 2008, p. 79).

Além disso, ao articular desenvolvimento humano e espacialidade, Lopes (2008, p. 79) sustenta que a experiência infantil se dá em territórios marcados por relações sociais e simbólicas, e não em um espaço neutro regido apenas por maturação biológica ou experiências sensório-motoras. Ao visitar um museu como o do CBMERJ, a criança entra em contato com um espaço carregado de narrativas históricas e institucionais, mas sua apropriação é singular e situada. Como argumenta Carvalho (2016, p. 914), museus podem configurar-se como espaços de significação, encantamento e produção de conhecimento crítico, em que as crianças “veem os objetos e se veem nos objetos”, construindo relações de identidade e alteridade que contribuem para reconhecê-las como sujeitos ativos. Nesses ambientes, o brincar, a interação e a curiosidade constituem modos próprios de apreender o passado em diálogo com o presente.

A noção de justiça existencial, proposta por Lopes (2008, p. 77), amplia esse debate ao defender o reconhecimento das crianças como criadoras de cultura e de espaços geográficos, frequentemente negados por lógicas adultocêntricas. Considerar o olhar infantil, portanto, não é um gesto de concessão pedagógica, mas um ato ético e político, que busca descolonizar modos de ver as infâncias e os espaços que elas habitam. Em sintonia com essa perspectiva, o autor propõe a ideia de amorosidade espacial, entendida como relação ética, sensível e responsiva com as experiências infantis, sustentada pela escuta ativa, pela não indiferença e pelo diálogo. Reconhecer as crianças e seus saberes espaciais implica permitir que suas geografias desloquem visões únicas e universais, abrindo espaço para outras formas de narrar e viver o mundo.

Nesse contexto, a percepção infantil não deve ser tomada como estágio inferior de compreensão espacial, mas como modo específico e legítimo de experiência do mundo. O espaço vivido pela criança é atravessado por afetos, medos, encantamentos e curiosidades, dimensões fundamentais para a constituição de memórias.

2.2 GESTÃO PÚBLICA DO TURISMO

Do ponto de vista do desenvolvimento regional, o turismo pedagógico funciona como estratégia articuladora entre políticas educacionais, culturais e territoriais, convertendo patrimônios em extensão curricular e infraestrutura simbólica de formação cidadã, superando a visão fragmentada de atividades complementares para posicionar-se como mediação entre o olhar infantil, a produção de memórias e a valorização do patrimônio local (Padilha, 2024, p. 168-180). Nesse sentido, Padilha enfatiza:

“Um dos caminhos possíveis para promover este conhecimento e reconhecimento do município pela sua população é o do Turismo Pedagógico, entendido aqui como uma atividade capaz de despertar a consciência cidadã por meio do apoio ao processo ensino-aprendizagem. Esta atividade, acreditamos, é capaz de contribuir com aquilo que consideramos fundamental para o desenvolvimento intelectual e o exercício da cidadania: conhecer a realidade que nos cerca e apreendê-la por meio de nossos conhecimentos prévios, da nossa cultura e experiências de vida. Nesse contexto, insere-se, também, a educação patrimonial, entendida por nós como um caminho possível para a apropriação dos bens coletivos” (Padilha, 2024, p. 170).

Essa abordagem envolve planejamento, vivência e reflexão coletiva entre estudantes, professores e mediadores, fornecendo nova visão aos assessores de espaços culturais e tensionando paradigmas museais tradicionais que marginalizam percepções e expressões infantis singulares (Padilha, 2024, p. 176-177; De Lima, 2025, p. 968-970). Assim, aproxima-se do paradigma das cidades educadoras, onde a educação transcende a escola para impregnar toda a cidade com valores de cidadania solidária, inclusão social e participação (De Lima, 2025, p. 968-970).

“As cidades educadoras (CEs) têm como objetivo constante “aprender, inovar e partilhar, e, portanto, enriquecer e tornar mais segura e digna a vida de seus habitantes”. Nas CEs, "a educação transcende as paredes da escola para impregnar toda a cidade", isso porque envoltas em um processo permanente de "construção da comunidade e de uma cidadania livre, responsável e solidária, capaz de conviver na diferença, de solucionar pacificamente os seus conflitos e de trabalhar 'pelo bem comum'"(De Lima, 2025, p. 968-970).

Conforme Feitosa (2022, p. 04), essa articulação na condução da mediação museal do projeto Bombeirinhos, que ocorre dentro do Quartel central, que pelo planejamento de visitas guiadas, exposição interativa de patrimônio e capacitação acadêmica de profissionais qualificados, promove imersão educativa no Casarão Vermelho, ampliando o museu do CBMERJ para todo o entorno urbano, desde o deslocamento das casas ao Centro, passando pela Praça da República e Praça XV.

Reichert (2023, p. 128) reforça o crescimento acadêmico nessa relação turismo e

educação, defendendo aprofundamento para um “turismo cada vez mais sustentável e com o viés da educação transformadora [...] capaz de formar indivíduos críticos, reflexivos e comprometidos com a promoção da justiça social e com o respeito às diversidades culturais, sociais e ambientais”.

Segundo Canosa (2022, p. 1-3), por muito tempo a pesquisa em turismo e hospitalidade marginalizou as opiniões de crianças que vivem em destinos turísticos do Sul Global, adotando uma perspectiva que enfatiza sua vulnerabilidade e necessidade de proteção. No entanto, estudos mais recentes passaram a reconhecer as crianças como agentes sociais ativos em suas comunidades e, quando lhes é dada a oportunidade de participar das pesquisas mais éticas, elas demonstram capacidade de contribuir com ideias e soluções relacionadas ao turismo sustentável. Experiências em que crianças atuaram como co-pesquisadoras em investigações sobre o turismo em suas próprias comunidades revelam que suas percepções podem servir de base para a reivindicação de formas de turismo social e ambientalmente mais justas.

Instituindo o Programa de Turismo Pedagógico na rede estadual do Rio de Janeiro, mesmo âmbito em que o CBMERJ está inserido, a Lei nº 9.990/2023, operacionaliza essa lógica ao posicionar o acesso a acervos culturais como vetor de preservação patrimonial e desenvolvimento regional, incentivando circulação estudantil em museus, monumentos, teatros, praças, bibliotecas e bairros históricos, sendo coordenado pela Secretaria de Estado de Educação (SEEduc). Assim, alinha-se à educação patrimonial e museal, promovendo pertencimento e justiça espacial para a infância enquanto ativa a latência turístico-pedagógica das cidades, conforme ciclo propositivo de políticas públicas com princípios educadores.

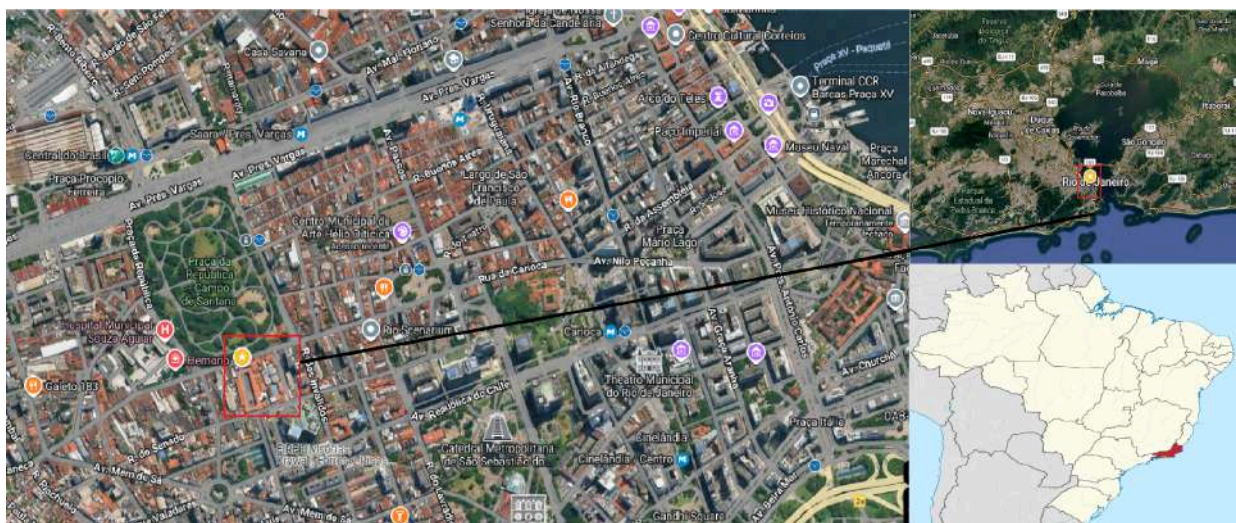
2.3 SOBRE O CBMERJ E SEU MUSEU

A trajetória do Corpo de Bombeiros tem início em 2 de julho de 1856, quando o Imperador D. Pedro II instituiu o primeiro Corpo de Bombeiros do Brasil. Seu propósito era organizar de forma oficial o serviço de prevenção e combate a incêndios na então capital do Império, atividade que até então era desempenhada por outras entidades (Feitosa, 2022, p. 2). A intenção era estabelecer no país uma corporação de referência, com excelência e eficiência compatíveis aos padrões dos mais renomados corpos de bombeiros do cenário internacional.

Com a necessidade de um espaço adequado para treinamento e organização das atividades, foi construído o Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), localizado na Praça da República, número 45, no Centro do Rio de Janeiro, conforme ilustrado na Figura 01. O edifício constitui um bem patrimonial de grande relevância

histórica, articulando referências tanto do período imperial quanto da República brasileira.

Figura 01 - Mapa da Área Central da Cidade do Rio de Janeiro – Localização do Quartel Central do Comando Geral – QCG



Fonte: GoogleMaps (2025).

A figura 01 situa o Quartel Central do CBMERJ em posição estratégica no Centro do Rio de Janeiro e em articulação com importantes eixos urbanos, como a Avenida Presidente Vargas e a Central do Brasil. Essa localização evidencia a inserção do quartel em uma área historicamente consolidada, marcada por fluxos intensos, equipamentos culturais e relevância política-administrativa.

Segundo Santos (2008, p.61-73), o quartel possuía inicialmente uma estrutura modesta, mas, após a Proclamação da República, ganhou uma construção grandiosa, projetada pelo Marechal Engenheiro Marcelino de Souza Aguiar. Erguido em uma área de importância estratégica, o prédio hoje abriga a administração central da corporação e o Museu Histórico do CBMERJ, responsável pela salvaguarda e difusão de parte significativa de seu acervo institucional, promovendo o acesso da sociedade fluminense e dos próprios bombeiros militares à memória, às tradições e aos valores que constituem a identidade da corporação.

Tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) em 1979 e posteriormente protegido pela Lei Estadual nº 5.791/2014, o Quartel Central tem sua dimensão histórica, simbólica e identitária oficialmente reconhecida, reafirmando seu papel na preservação do patrimônio cultural e na consolidação da tradição militar do CBMERJ.

Já o Museu do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ) foi instituído em 2 de julho de 1977, tendo funcionado inicialmente nas dependências do Quartel do Méier, conforme Figura 3. Sua criação esteve diretamente associada à necessidade de

preservação, salvaguarda e difusão da memória institucional do primeiro Corpo de Bombeiros oficialmente constituído no Brasil, reconhecendo o valor histórico, simbólico e identitário dessa corporação para a sociedade fluminense e brasileira.

Figura 2- Antigo Museu Histórico do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro – Quartel do Méier



Fonte: CHC (2023).

Posteriormente, o museu foi transferido para o Quartel Central do Comando-Geral (QCG), passando a ocupar o endereço atual. Essa localização insere o equipamento cultural em uma área estratégica do ponto de vista histórico e urbano, reforçando sua relevância no contexto do patrimônio cultural da cidade.

No que se refere ao edifício que abriga o Museu, Feitosa (2022, p. 22) esclarece que o espaço ocupa um prédio onde anteriormente funcionava a oficina do Corpo de Bombeiros, inaugurada no final do século XIX. Segundo o autor:

“[...] o Museu do CBMERJ fica num prédio onde anteriormente funcionava a oficina do corpo, inaugurada em 1897. A data de construção do prédio é imprecisa, pois a aquisição do terreno data de 1905, ao passo que outros documentos sinalizam o funcionamento da oficina anterior a 1897. Acreditamos que a oficina funcionava na estrutura antiga, que fora demolida, e esse novo prédio faz parte das novas construções, não descartando que a data de 1897 se refira à reinauguração da oficina, construída antes mesmo da desapropriação do terreno para uso do Corpo de Bombeiros.” (Feitosa, 2022, p. 2).

Atualmente, o Museu Histórico do CBMERJ, reaberto após reforma no início de dezembro de 2025, recebeu cerca de 15.000 visitantes de diversas idades entre visitas guiadas e livres nos três primeiros meses de 2026. O espaço apresenta ao público uma parte significativa

do acervo institucional da corporação, compartilhando com a comunidade fluminense e com os próprios bombeiros militares elementos relacionados à sua história, às tradições e às práticas profissionais que constituem a identidade do CBMERJ.

Integram a estrutura organizacional do Centro Histórico e Cultural (CHC) o Museu Histórico, o Arquivo Geral, a Reserva Técnica e o Grupamento de Bombeiro Músico (GBMUS), compondo um conjunto articulado cuja missão é promover, preservar e fortalecer a doutrina, os valores, a tradição e a história militar desta corporação sesquicentenária.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como as crianças percebem, interpretam e atribuem sentidos ao patrimônio histórico durante a visita ao Museu do Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, com ênfase nos processos de educação patrimonial, na mediação museal e na experiência turística pedagógica.

Para alcançar esse objetivo, o estudo foi desenvolvido a partir da articulação de procedimentos de pesquisa bibliográfica documental e de campo, com especial atenção às metodologias sensíveis voltadas à escuta, à participação e às formas de expressão infantil.

Tendo como referência a Figura 03, citada na introdução deste trabalho, registra-se um episódio ocorrido em 2023 que marcou este pesquisador. Após uma visita guiada realizada por um grupo escolar ao Quartel Central e ao Museu do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro (CBMERJ), uma professora entregou dias depois espontaneamente um desenho como forma de agradecimento pela experiência vivida. O desenho representava elementos associados ao quartel e às viaturas da corporação, evidenciando como a visita havia sido percebida e reinterpretada pela criança. No momento em que foi recebido, não foi possível identificar com precisão se o autor era menino ou menina, tampouco registrar com exatidão sua idade, pois os desenhos circulavam entre diferentes alunos da turma. Ainda assim, o gesto chamou atenção por revelar que a experiência no museu havia ultrapassado o momento da visita, sendo ressignificada e transformada em expressão gráfica de memória. Mais do que um simples registro visual, aquele desenho despertou reflexões sobre a forma como as crianças percebem e atribuem sentido ao patrimônio institucional, constituindo-se como um dos pontos de partida para a investigação desenvolvida neste trabalho.

Figura 03- Desenho entregue de forma espontânea após a visita



Fonte: Elaborado por um grupo escolar (2023).

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, em consonância com Lakatos (2003, p. 103-10) e Gil (2008, p. 175-177), uma vez que esse tipo de investigação se mostra mais adequado quando o objetivo central não é a mensuração de fenômenos, mas a compreensão dos significados, percepções, valores e experiências atribuídos pelos sujeitos à realidade investigada. Trata-se de uma perspectiva metodológica capaz de captar dimensões subjetivas, simbólicas e afetivas da realidade social, especialmente em contextos nos quais os sujeitos da pesquisa possuem formas próprias de expressão que não se limitam à linguagem verbal.

Nesse sentido, conforme destaca Gil (2008, p. 102), a análise dos dados qualitativos depende, em grande medida, da capacidade interpretativa e do estilo do pesquisador, exigindo sensibilidade analítica e rigor teórico. Assim, os desenhos infantis são compreendidos não como meras ilustrações, mas como narrativas visuais e dispositivos de construção de memória, por meio dos quais se torna possível acessar percepções, emoções e significados atribuídos ao patrimônio pelas crianças participantes da pesquisa.

Inicialmente, foi realizada pesquisa bibliográfica, com base em artigos científicos e produções acadêmicas sobre educação patrimonial, museus, infância e mediação cultural, a fim de fundamentar teoricamente a análise da experiência das crianças no espaço museal.

O trabalho de campo caracterizou-se como pesquisa de campo de natureza exploratória com observação participante, segundo Gil (2008, p. 27), modalidade de investigação empírica cujo objetivo principal consiste na formulação de problemas mais precisos ou de hipóteses, bem como no aprimoramento das ideias e na familiarização do pesquisador com o fenômeno

investigado, especialmente quando o tema ainda é pouco explorado ou demanda maior aproximação com a realidade estudada.

Nesse contexto, consistiu na realização de uma atividade educativa baseada na produção de desenhos infantis, compreendidos como instrumentos de expressão simbólica, narrativa visual e construção de memória. A atividade foi estruturada a partir da observação participante, técnica discutida por Gil (2008,p. 103) como adequada para pesquisas em contextos educativos e socioculturais, uma vez que permite ao pesquisador acompanhar as atividades, sendo um observador participante, interagindo com os sujeitos e registrar, em diário de campo, percepções, falas e comportamentos observados ao longo do processo.

No presente estudo, as observações participantes ocorreram durante as visitas mediadas ao museu e durante as atividades educativas posteriores, quando as crianças produziram desenhos como forma de expressão simbólica da experiência vivida. A participação nas visitas ocorre mediante agendamento prévio realizado pelos pais ou responsáveis por meio do site do museu. Foram realizados aproximadamente 20 desenhos, produzidos por crianças com idades entre 5 e 10 anos, contemplando participantes de diferentes regiões e bairros do Rio de Janeiro. Cada criança levou cerca de 40 minutos para a elaboração do desenho durante a mediação, em um regime semelhante ao de uma oficina educativa.

A coleta dos desenhos infantis foi dividida em dois momentos para ampliar a compreensão das perspectivas das crianças. No Momento 1 (29 jan. 2026) Produção livre sem provocação. No Momento 2 (4 mar. 2026) Durante a atividade, foi adotada a observação participante com mediação guiada com provocação: “Onde você imagina o local onde ficam essas viaturas? Como elas entram e saem desse espaço?”. Essa etapa combinou observações iniciais com reações espaciais, com registro em diário de campo das falas, comentários, emoções, dúvidas e percepções expressas espontaneamente pelas crianças ao longo do processo de criação, revelando como ambiente, objetos e interações constroem o imaginário infantil sobre segurança e conservação.

A metodologia foi organizada em dois momentos articulados, compreendendo a experiência como um processo contínuo:

1. Durante a visita: realizada no espaço do Museu do Quartel Central do CBMERJ, com acompanhamento da mediação museal, a observação das interações das crianças com o patrimônio, os objetos, os espaços e os discursos institucionais
2. Depois da visita: Dentro da sala imersiva, no segundo pavimento do museu, quando as crianças produziram os desenhos, expressando visual e verbalmente suas percepções, sentimentos, memórias e significados atribuídos à experiência vivida

no museu, reforçando que a atividade educativa não se encerra no espaço museal.

No que diz respeito aos aspectos éticos, a pesquisa observa os princípios destacados para estudos com seres humanos, especialmente quando envolvem crianças. Foram assegurados o consentimento institucional, a autorização dos responsáveis legais no site quando marca a visita, o anonimato dos participantes e o uso exclusivo das produções para fins acadêmicos, respeitando a integridade, a dignidade e o direito à expressão das crianças.

Destaca-se que as produções infantis foram analisadas com sensibilidade e responsabilidade, evitando interpretações ou exposições indevidas, compreendendo-as como expressões legítimas de experiência e não como objetos de julgamento avaliativo. Assim, o estudo reafirma o compromisso ético não apenas com a produção acadêmica, mas com o reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos.

Os desenhos e registros das falas das crianças foram submetidos a uma análise de conteúdo qualitativa com construção de categorias interpretativas, conforme indicado por Gil (2008, p. 114), buscando identificar recorrências, símbolos, emoções e narrativas presentes nas produções infantis. Esse processo analítico fundamentou-se em categorias construídas a partir dos estudos sobre infância, memória e patrimônio cultural. Entre elas, destacam-se: memória, compreendida como os rastros das experiências individuais e coletivas que emergem nas representações infantis; emoção, observada nos elementos gráficos que expressam afetos, medos, encantamentos e vínculos com o espaço; símbolos institucionais, identificados nas referências visuais ao Corpo de Bombeiros, seus objetos, uniformes e marcadores arquitetônicos; e pertencimento, entendido como os indícios de identificação da criança com o Quartel Central enquanto lugar significativo, capaz de evocar reconhecimento e proximidade.

Essas categorias fornecem o eixo interpretativo para compreender como as crianças percebem, ressignificam e narram o patrimônio. Dessa forma, a metodologia adotada permitiu compreender o museu não apenas como espaço expositivo, mas como território educativo, no qual a experiência infantil, o cotidiano e a sensibilidade tornam-se centrais para a reflexão sobre educação patrimonial e formação cidadã.

A presente pesquisa delimitou-se à análise da percepção infantil sobre o patrimônio histórico e cultural a partir de visitas pedagógicas realizadas por crianças no Quartel Central do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro, considerando-o como espaço de educação não formal, memória institucional e mediação patrimonial. Partiu-se do entendimento de que o patrimônio não se constitui apenas como um conjunto de bens materiais preservados, mas como uma construção simbólica produzida nas relações cotidianas entre sujeitos, território e memória.

Por fim, a pesquisa pretendeu colaborar para a construção de estratégias de mediação patrimonial mais inclusivas, capazes de reconhecer a criança como sujeito ativo na produção de memória, identidade e pertencimento.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 DESCRIÇÃO DO ROTEIRO DENTRO DO MUSEU

O museu assume papel estratégico enquanto espaço de educação não formal e de turismo pedagógico, possibilitando experiências que articulam história, patrimônio e cotidiano. Projetos como o Bombeirinhos, trabalho no qual o Corpo de bombeiros recebia crianças de diversas comunidades e realidades do Rio de Janeiro, evidenciam o potencial do Museu do CBMERJ para o diálogo com o público infantil, promovendo vivências que despertam curiosidade, emoção e reconhecimento simbólico do patrimônio institucional (Feitosa, 2022, p. 1).

Entretanto, observa-se que grande parte das ações educativas no museu do CBMERJ ainda se orienta por abordagens tradicionais, nas quais a criança ocupa um papel secundário, como receptora passiva de conteúdos previamente definidos. Esse modelo limita as possibilidades de escuta, participação e construção compartilhada de sentidos.

Atualmente, o roteiro de visita ao Museu Histórico do Corpo de Bombeiros tem duração total de 1 hora e 50 minutos e é voltado ao público geral, com a Área Kids destinada exclusivamente a crianças de até 8 anos. A visita se inicia com a recepção e boas-vindas na entrada do museu, onde os visitantes são acolhidos e orientados sobre a duração da atividade, a programação prevista, as regras básicas de convivência e o funcionamento dos espaços, incluindo vídeos, sala imersiva, treinamento e quiz educativo.

Em seguida, ocorre o deslocamento até o interior do museu, acompanhado de uma contextualização sobre o papel do museu na preservação da memória institucional, na construção da consciência histórica e no fortalecimento da identidade, do pertencimento e dos valores do Corpo de Bombeiros ao longo do tempo. Destaca-se a importância do passado como referência para a compreensão do presente e para a projeção do futuro da Instituição.

A visita é estruturada em quatro quadrantes temáticos, com duração aproximada de dez minutos cada, totalizando quarenta minutos. O primeiro quadrante aborda o contexto de criação do Corpo de Bombeiros, destacando os incêndios no século XIX, a urbanização do Rio de Janeiro, a falta de organização no combate ao fogo e a criação da corporação por Dom Pedro II em 1856.

O segundo quadrante trata da evolução institucional e dos primeiros equipamentos, como a primeira ambulância e a primeira escada mecânica, relacionando essas transformações às reformas urbanas, à modernização dos serviços públicos e à transição do Império para a República.

Figura 04 - O primeiro e segundo quadrante do Museu respectivamente

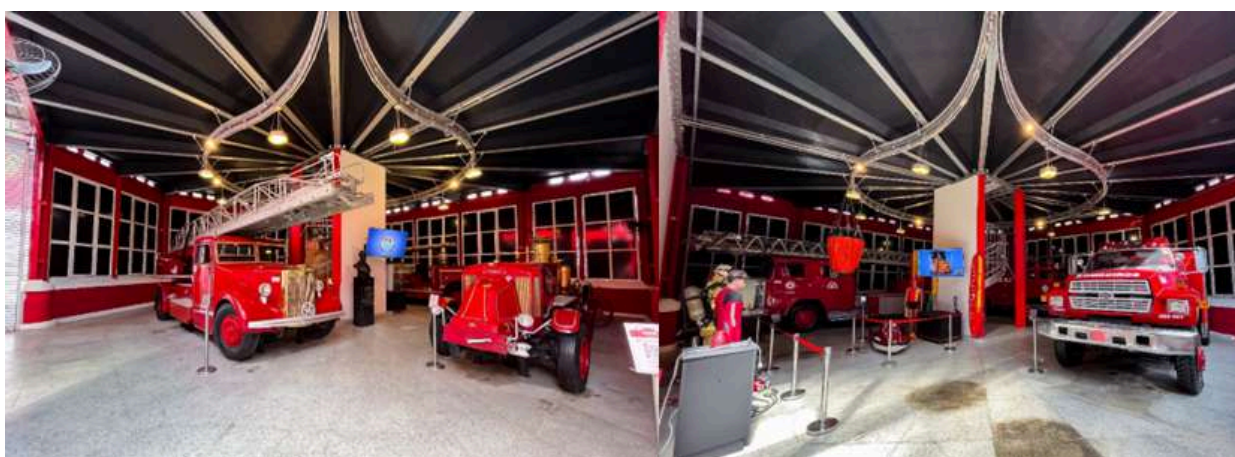


Fonte: CHC (2026).

O terceiro quadrante enfatiza grandes ocorrências, atos de heroísmo e episódios marcantes da história da corporação, ressaltando o espírito de sacrifício do bombeiro e sua relação com a sociedade.

O quarto quadrante apresenta a modernização e a atuação atual do Corpo de Bombeiros, abordando a ampliação da área operacional, o avanço tecnológico, a criação de cursos de especialização e o fortalecimento das ações de salvamento, resgate, prevenção e defesa civil.

Figura 05- O terceiro e o quarto quadrante do Museu respectivamente



Fonte: CHC (2026).

Após os quadrantes, o grupo é conduzido à sala imersiva, no segundo pavimento do museu, onde os visitantes recebem orientações de segurança antes de vivenciar a experiência. A atividade na sala imersiva dura entre vinte e cinco e trinta minutos e inclui vídeos históricos,

simulações de incêndio e conteúdos educativos sobre primeiros socorros, como engasgo, reanimação cardiopulmonar, respiração e uso consciente do serviço de emergência. Foi dentro desse espaço que foi realizada a atividade de pintura.

Na sequência, ocorre um quiz educativo com duração aproximada de dez minutos, paralelamente dentro da Área Kids que funciona como espaço lúdico e educativo para crianças de até 8 anos, com atividades supervisionadas, no qual os visitantes respondem perguntas relacionadas à história do Corpo de Bombeiros, aos conteúdos apresentados durante a visita e às experiências vivenciadas na sala imersiva, após segue-se para uma atividade externa no pátio operacional.

Figura 06- Sala imersiva e Sala Kids respectivamente



Fonte: CHC (2026).

No pátio operacional, os visitantes conhecem viaturas e materiais utilizados pelo Corpo de Bombeiros, recebem explicações sobre suas funções e participam de uma experiência final, que inclui circulação controlada pela viatura, demonstração de jato de água e banho com jato neblinado.

Figura 07- Pátio Operacional



Fonte: CHC (2026).

A visita é então encerrada com uma despedida, reforçando a importância do Corpo de Bombeiros como uma instituição comprometida com a proteção da vida, a cidadania, a prevenção e a memória histórica, convidando os visitantes a retornarem ao museu.

4.2 OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS

Os desenhos analisados foram produzidos no dia 29 de janeiro de 2026 e, por questões éticas, os nomes das crianças foram devidamente borrados, garantindo a preservação de suas identidades e o respeito à confidencialidade dos participantes.

O que as crianças destacam?

De modo geral, observou-se que o imaginário infantil se concentrou majoritariamente nas viaturas do Corpo de Bombeiros, que apareceram como elemento central na maior parte das representações. Apenas um dos desenhos apresentou uma discrepância em relação a esse padrão ao retratar a quadra localizada ao lado do museu, ampliando o campo de percepção para além do espaço expositivo imediato. Esse movimento evidencia que a criança não percebe o museu de forma isolada, mas o insere em uma espacialidade mais ampla, articulando entorno, vivência e memória.

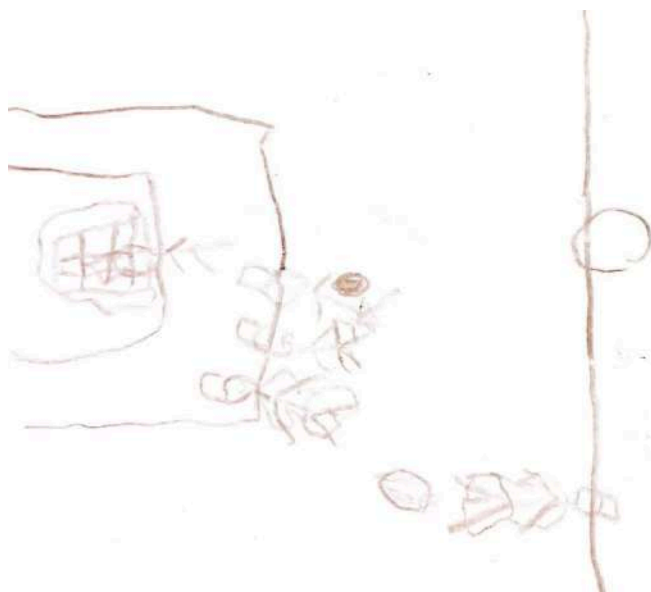
Figura 08 - Moto Aquática



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

A imagem sugere que a criança associou o Corpo de Bombeiros não apenas às viaturas terrestres tradicionalmente, mas também à atuação em ambientes aquáticos, indicando ampliação do imaginário institucional para além do espaço físico do quartel.

Figura 09 – Quadra de futebol



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

A imagem sugere uma percepção mais espacial e relacional do patrimônio. Apesar de a visita não contemplar a quadra localizada ao lado do museu, esse foi o elemento que mais chamou atenção durante a observação. O edifício e as pessoas compõem nessa imagem

conjuntamente, o significado da experiência.

Nos próximos desenhos, figuras 10, 11, 12, 13 e 14 a viatura ocupa praticamente todo o espaço da folha, tornando-se o elemento central e absoluto da representação. As crianças destacam a estrutura do veículo, as rodas, as portas e a parte superior, possivelmente indicando escada ou compartimento de equipamentos. A ausência de cenário, pessoas ou edifícios sugere que, para essas crianças, o símbolo mais marcante da experiência foi o próprio veículo operacional.

A centralidade da viatura confirma um padrão recorrente identificado na pesquisa: o imaginário infantil tende a associar o Corpo de Bombeiros prioritariamente aos seus instrumentos de ação, especialmente às viaturas. O patrimônio, nesse caso, é apropriado não como edifício histórico ou narrativa institucional, mas como objeto funcional que representa movimento, força e intervenção.

Figura 10 – Viatura do Corpo de Bombeiros



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

A escolha por preencher a viatura com cor intensa reforça a importância simbólica do objeto na memória da experiência.

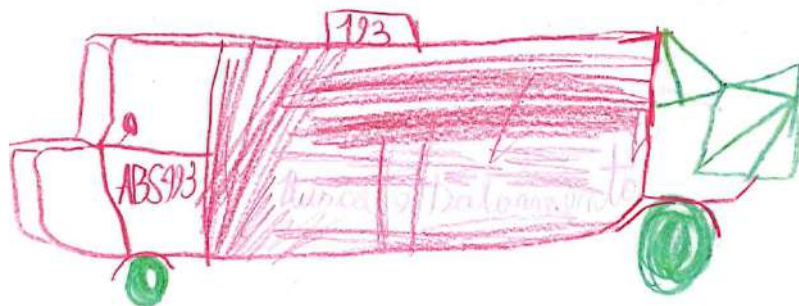
Figura 11 Viatura do Corpo de Bombeiros 2



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Representa uma viatura de bombeiros, com traços firmes e escolha de cor única, reforçando foco e reconhecimento simbólico infantil

Figura 12– Viatura do Corpo de Bombeiros 3



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

A inclusão do número 193 revela que a criança não apenas reconhece a viatura como símbolo visual da instituição, mas também associa o Corpo de Bombeiros à função de socorro e atendimento emergencial. Esse dado é significativo, pois demonstra que a experiência ultrapassou a dimensão estética e alcançou a compreensão funcional do serviço prestado.

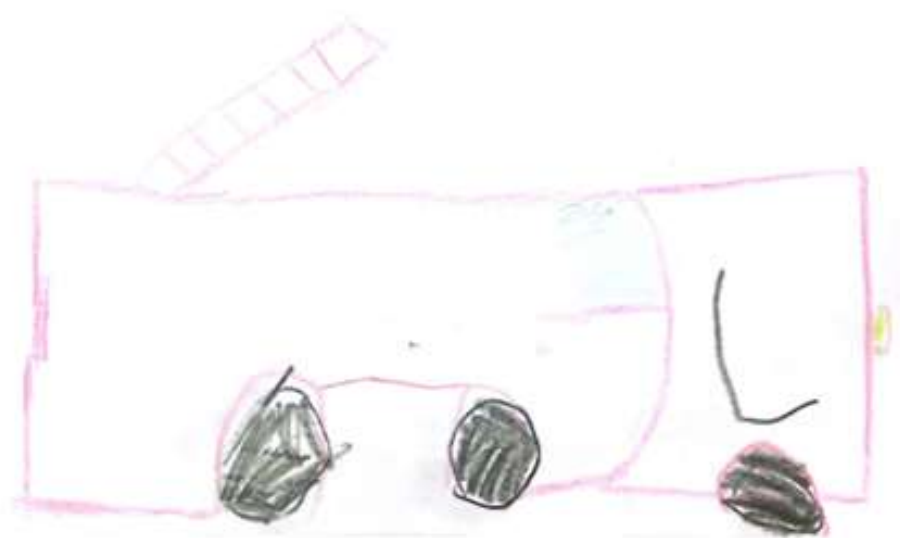
Figura 13 - Viatura do Corpo de Bombeiros 4



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

A viatura continua sendo o elemento central, com rodas, divisão lateral e símbolo circular que pode representar um emblema institucional, além da presença do coração desenhado ao lado da palavra “bombeiro” sugere vínculo afetivo com a instituição.

Figura 14 - Viatura do Corpo de Bombeiros 5



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

A presença da escada inclinada na parte superior indica que a criança reconhece a especificidade de determinados caminhões utilizados em operações de resgate e combate a incêndios em altura.

Figura 15 – Viatura do Corpo de Bombeiros 6



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Neste desenho, figura 14 observa-se uma narrativa mais dinâmica da atuação do Corpo de Bombeiros. A viatura identificada com o número “193” aparece posicionada diante de um cenário de incêndio, com chamas intensas no topo de uma edificação e fumaça escura se espalhando pelo céu. A escada estendida até o foco do fogo indica ação direta de combate, evidenciando que a criança associa a instituição à resposta a situações de emergência.

Ao lado da viatura, um bombeiro é representado em movimento, segurando uma mangueira que projeta água em direção às chamas. Esse elemento reforça a compreensão funcional da atividade desempenhada, destacando o papel ativo e heroico do profissional. A presença do sol e da área verde no chão compõem o ambiente, sugerindo que a cena ocorre ao ar livre e em um contexto cotidiano.

Diferentemente de representações centradas apenas na viatura, este desenho constrói uma cena completa, articulando veículo, profissional, ação e situação de risco. Isso revela uma percepção do patrimônio não apenas como objeto material (a viatura), mas como prática social e serviço essencial, associado à proteção, ao cuidado e à preservação da vida

Figura 16 – Muares



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Esse desenho, visto na figura 16, dialoga com a memória histórica das primeiras viaturas do Corpo de Bombeiros, que eram tracionadas por muares. A representação do animal em destaque sugere que a criança pode ter associado a visita não apenas às viaturas modernas, mas também às formas mais antigas de atuação da corporação. Historicamente, antes da motorização, os carros de combate a incêndio eram puxados por animais, aspecto que integra o patrimônio material e imaterial da instituição.

Ainda que o desenho apresenta traços simples e lúdicos, ele pode indicar a apreensão de uma dimensão histórica do museu, evidenciando que o patrimônio não se restringe às viaturas contemporâneas, mas abrange transformações ocorridas ao longo do tempo. Dessa forma, a imagem amplia a compreensão da criança acerca da evolução dos equipamentos e das práticas institucionais do Corpo de Bombeiros, incorporando as ideias de passado, tradição e continuidade histórica.

Figura 17- Viatura do Corpo de Bombeiros 7



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Neste desenho, figura 16, observa-se a articulação entre imagem e escrita como forma de registrar a experiência vivida. A frase no topo “O que eu mais gostei foi descobrir mais tipos de caminhões de bombeiro” explicita a percepção da criança sobre a visita, revelando interesse pela diversidade de viaturas apresentadas no museu. Esse registro textual qualifica a produção como um relato reflexivo, e não apenas representacional.

A viatura ocupa posição central na composição, identificada com o número “193” e a palavra “bombeiro”, reforçando a assimilação de elementos institucionais. A presença das rodas em destaque e da estrutura lateral sugere atenção aos aspectos formais do veículo. Ao lado, a figura humana pode representar a própria criança ou uma personagem vinculada à experiência, indicando uma dimensão relacional entre sujeito e patrimônio.

Outro elemento, a sigla “CHC” e o coração desenhado, ampliam o caráter pessoal e afetivo do registro. A inclusão da bandeira do Brasil também pode sinalizar a associação da instituição a um símbolo nacional, reforçando a ideia de pertencimento e cidadania.

As produções apresentadas no primeiro dia revelam uma compreensão ativa e autoral do espaço museal e dialogam com a Geografia da Infância de Lopes (2008, p. 66-68, 2017, p. 103–105, 2022, p. 6–8), segundo a qual as crianças produzem suas próprias geografias, marcadas por lógicas próprias de ser e estar no mundo. Ao interagirem com os espaços, elas não apenas os ocupam, mas os significam, reinterpretam e reorganizam a partir de suas experiências situadas.

Ao destacarem viaturas, o número '193', escadas e detalhes estruturais, as crianças transformam o patrimônio institucional em espaço simbolicamente apropriado, atribuindo-lhe

sentidos que emergem de seus referenciais afetivos, imaginativos e cognitivos. Como afirma Lopes (2022, p. 7), o espaço não é mero cenário físico, mas dimensão constitutiva da experiência humana, atravessada por linguagens, relações e afetos.

Essa questão trouxe ao trabalho uma reinterpretação da Figura 03, ponto de partida deste estudo. Apesar da imponente arquitetura do quartel edificado tombado que exerce autoridade simbólica sobre visitantes, a viatura ocupa o centro da composição, posicionada em primeiro plano diante do quartel histórico, invertendo hierarquias museológicas tradicionais e reduzindo o edifício a segundo plano, o espaço tem poder, mas elas o percebem como fundo para os protagonistas da ação.

As viaturas, por estarem inseridas em um espaço físico específico e carregadas de forte valor simbólico, tornaram-se referências centrais na experiência das crianças. Ao priorizarem viaturas sobre objetos expositivos estáticos, as crianças rejeitam narrativas adultocêntricas, Carvalho (2016, p. 914) complementa: nos museus, as crianças veem os objetos e se veem nos objetos, construindo relações de identidade/alteridade que as posicionam como sujeitos ativos. Aqui, a viatura materializa essa identificação: não é só veículo, mas protagonista da proteção sobre suas vidas cotidianas.

Para se obter um resultado mais amplo sobre essa observação inicial, evidenciou a necessidade de análise combinada revelando como reações e falas ao ambiente personalizam a construção simbólica.

Conversando com as crianças: o que dizem?

Durante a mediação que ocorreu no dia 04 de março, figura 18, a conversa foi conduzida a partir da pergunta: “Onde você imagina o local onde ficam essas viaturas? Como você imagina elas entrando e saindo desse espaço?”.

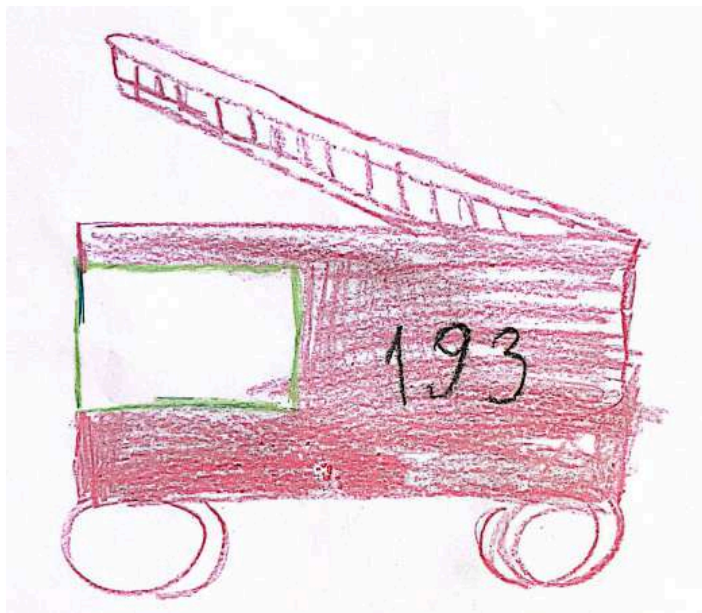
Figura 18- Mediação que ocorreu no dia 04/03/2026



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Essa provocação estimulou as crianças a articularem percepção espacial, imaginação e experiência vivida, reforçando a compreensão de que o ambiente, os objetos e as interações estabelecidas durante a visita atuam conjuntamente na construção do imaginário infantil.

Figura 19- Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 01



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

O desenho apresenta uma viatura do Corpo de Bombeiros em posição central, pintada predominantemente de vermelho, com destaque para o número 193 na lateral. A escada aparece projetada para cima, sugerindo movimento e ação, como se estivesse pronta para um resgate. As rodas são grandes e bem marcadas, indicando força e deslocamento.

A centralidade da viatura e a ênfase no número de emergência revelam que a experiência foi marcada, sobretudo, pela dimensão operacional da corporação — o agir, o salvar, o socorrer.

Um aspecto que chamou atenção foi o fato de que a criança, inicialmente, não demonstrava intenção de participar da atividade. No entanto, ao perceber o entusiasmo dos colegas, pediu o papel e afirmou que também queria desenhar. Disse que queria “mostrar o que mais me chamou atenção” e completou: “Este é o caminhão que mais gostei durante a visita.”

Esse movimento espontâneo é significativo. O desenho deixa de ser apenas uma tarefa e passa a ser um gesto de expressão. Ao escolher representar a viatura — e não o prédio como um todo — a criança evidencia aquilo que, para ela, concentrou sentido, emoção e admiração.

Figura 20- Viatura e Bombeiro do Corpo de Bombeiros com detalhes 02



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Neste desenho, observa-se uma composição mais narrativa. Diferentemente do anterior, em que a viatura ocupava posição central isolada, aqui há a presença da figura humana, da viatura com escada e de uma estrutura arquitetônica, possivelmente representando o quartel.

À esquerda, aparece uma construção em formato triangular, que pode simbolizar o prédio histórico visitado. Ao centro, destaca-se um personagem com capacete elemento que identifica claramente o bombeiro. O detalhe dos óculos em cor diferenciada sugere atenção à proteção individual, algo que foi enfatizado durante a visita. À direita, surge a viatura com escada elevada, ainda que representada de forma mais simplificada.

O que chama atenção é a humanização da cena. Aqui, o foco não está apenas no equipamento e na viatura, mas no bombeiro enquanto sujeito da ação. A criança não desenha somente o caminhão; ela desenha quem atua, quem salva.

- “Esse é o bombeiro no seu trabalho. Eu gostei muito dele” Fora dito pela criança durante a atividade se referindo ao Bombeiro Guia.

Figura 21- Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 03



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Neste desenho, a viatura volta a ocupar posição central, mas agora inserida em um cenário mais amplo. Observa-se o caminhão pintado de vermelho, com o número 193 destacado na lateral, apoiado sobre duas rodas simples e colocado sobre uma linha que representa a rua. Acima, aparecem elementos do ambiente: um traço azul sugerindo o céu e um sol amarelo no canto superior direito.

Diferentemente dos anteriores, aqui a viatura está em movimento, situada na cidade. A presença da rua indica deslocamento, o caminhão não está parado no quartel, mas circulando, indo ao encontro de uma ocorrência. A composição é mais aberta, com bastante espaço em branco, o que pode sugerir amplitude, liberdade ou até a ideia de percurso.

Figura 22- Banda do Corpo de Bombeiros



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Este desenho apresenta uma mudança significativa em relação aos anteriores. Não há viatura, prédio ou número 193. O foco está inteiramente nas figuras humanas.

Ao conversar com a criança sobre a produção, ela explicou: “Quando entrei no quartel vi que estava tocando música e entrei. Tinha a banda do bombeiro tocando.” Essa fala ressignifica completamente a imagem. As duas figuras, com os braços erguidos, passam a ser compreendidas como músicos em apresentação. O objeto marrom na mão da figura à esquerda pode representar um instrumento musical, talvez um clarim, um trompete ou outro instrumento de sopro típico de bandas marciais. A postura corporal, com braços elevados, sugere performance, execução musical e movimento.

A memória registrada, portanto, foi marcada pelo impacto sonoro e performático da experiência, algo que, para o universo infantil, tende a ser profundamente marcante. Nesse caso, o patrimônio institucional é apropriado não apenas por sua dimensão operacional por viaturas e salvamentos, mas também por sua dimensão cultural e simbólica. A banda representa tradição, cerimônia, identidade coletiva e espetáculo, elementos que mobilizam emoção e encantamento.

Essa produção evidencia que o imaginário infantil não se restringe à ideia de emergência e resgate; ele também reconhece e valoriza a dimensão festiva e cultural da instituição. O que permanece na memória, aqui, é o som transformado em imagem, uma tentativa sensível de desenhar aquilo que foi ouvido e sentido.

Figura 23- Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 04



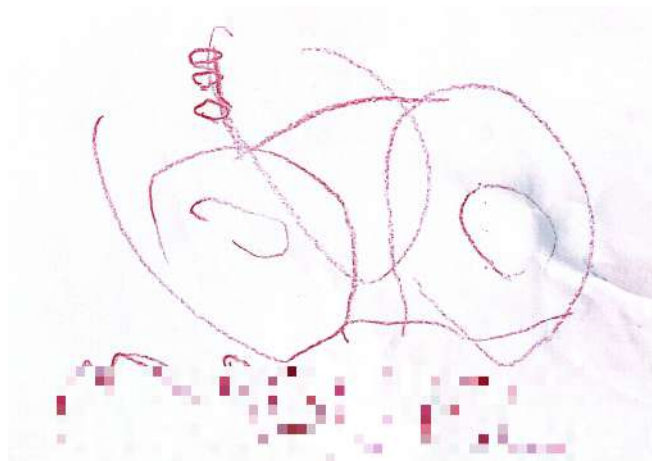
Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

O desenho apresenta uma viatura vermelha em posição central, com escada elevada e rodas grandes, elementos que ressaltam força, movimento e prontidão para o resgate. A composição

é simples, mas expressiva: o caminhão ocupa o espaço principal da folha, indicando que ele foi o elemento mais marcante da experiência vivida.

Essa representação reforça a dimensão operacional da corporação no imaginário infantil. O “agir” e o “salvar” parecem dominar a cena. Os traços espontâneos e a ênfase no vermelho intenso revelam admiração imediata pelo caminhão, percebido não apenas como veículo, mas como símbolo de ação heroica e proteção.

Figura 24- Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 05



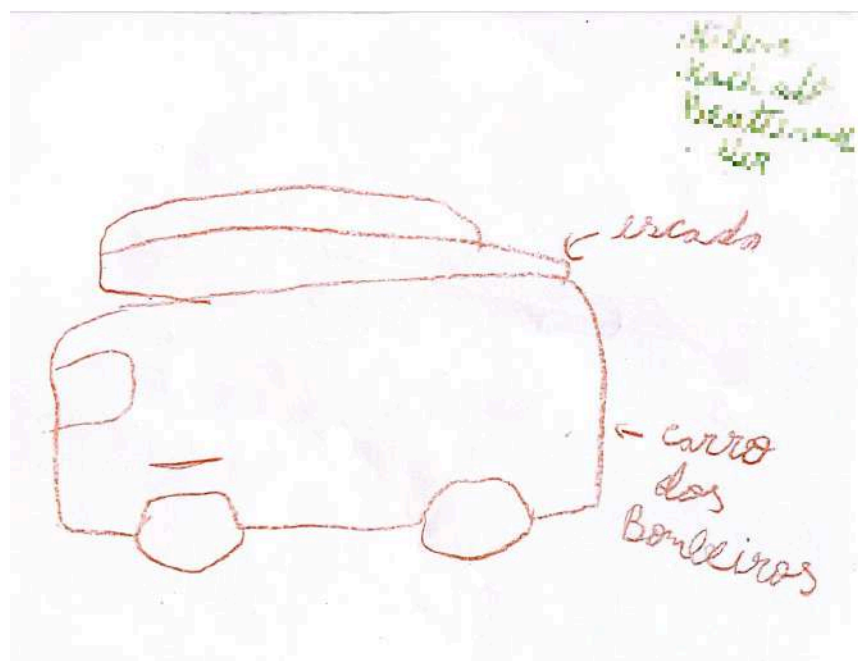
Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Este desenho foi feito por uma criança de provavelmente 5 anos e se distancia dos anteriores ao recorrer a uma linguagem gráfica mais abstrata e menos figurativa, marcada por grandes círculos, linhas curvas sobrepostas e um traço espiralado na parte superior. Em vez de compor uma cena reconhecível à primeira vista como viaturas, prédios ou personagens, a criança organiza o espaço do papel a partir de gestos amplos e contínuos, que sugerem movimento, intensidade e energia.

A afirmação “eu desenhei o carro do bombeiro” é particularmente reveladora, pois indica que, para a própria criança, há um referente concreto por trás da imagem, ainda que este não se apresente de forma mimética ou “reconhecível” ao olhar adulto. Nesse sentido, o desenho opera em um nível de mediação entre experiência e forma: não se trata de reproduzir o caminhão tal como ele é visto, mas de traduzir em linhas a maneira como ele foi sentido em um impacto visual da cor e do movimento.

Essa produção evidencia que, no campo da educação patrimonial e da leitura de desenhos infantis, é fundamental deslocar o foco da “fidelidade” da imagem para a potência expressiva do gesto. Ao invés de ser visto como “rabisco sem forma”, o desenho se apresenta como um modo legítimo de narrar a experiência.

Figura 25- Viatura do Corpo de Bombeiros com detalhes 06



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Neste desenho, observa-se uma viatura representada de forma simplificada, com contornos definidos e traços contínuos. O caminhão ocupa posição central e é identificado pela própria criança por meio da escrita: “carro dos bombeiros” e “escada”. Essa nomeação é um elemento importante, pois demonstra não apenas reconhecimento visual, mas também apropriação conceitual do que foi visto.

A escada aparece destacada na parte superior da viatura, evidenciando que esse detalhe foi marcante na experiência. As rodas bem delimitadas e a estrutura alongada do veículo indicam atenção à forma geral do caminhão, ainda que sem muitos detalhes internos.

Diferentemente de outros desenhos mais expressivos ou abstratos, aqui há uma intenção clara de representação objetiva e explicativa. A criança não apenas desenha; ela identifica, aponta, nomeia. Isso sugere um processo de aprendizagem em curso, no qual imagem e linguagem escrita se articulam.

Neste caso, a memória construída combina observação e compreensão. O patrimônio institucional é apropriado pela criança como conhecimento, ela reconhece a função do veículo e consegue explicá-lo graficamente e verbalmente. O desenho revela não apenas admiração, mas também assimilação do conteúdo mediado durante a visita.

Figura 26- Viatura do Corpo de Bombeiros e a criança que o desenhou



Fonte: Elaborado por visitantes (2026).

Neste caso específico, o desenho apresentado inicialmente não permitia uma identificação imediata do que estava sendo representado, pois os traços eram mais livres e pouco detalhados. A compreensão da imagem só se tornou mais clara a partir da observação contextual durante a atividade, especialmente ao notar a estampa da camisa da criança, o caminhão que é relacionada ao universo dos bombeiros, o que ajudou a estabelecer a conexão com a temática da visita.

Durante a interação, foi possível reconhecer também, por meio do cordão de identificação utilizado pela criança, que ela se encontrava no espectro autista. Além disso, observaram-se características como menor comunicação verbal e maior concentração na atividade gráfica. Tal aspecto reforça a importância de uma escuta sensível e de um olhar atento às singularidades de cada criança no processo de mediação, reconhecendo diferentes modos de expressão, interação e construção de sentido no espaço museal..

A interpretação do desenho, portanto, não se deu apenas pela leitura visual da imagem, mas pela articulação entre contexto, comportamento, elementos simbólicos e acompanhamento próximo da produção. Esse episódio evidencia que a análise de desenhos infantis exige cuidado metodológico e atenção às especificidades individuais, reconhecendo diferentes formas de expressão e construção de sentido.

A partir da análise do trabalho de campo, percebeu-se que a identificação simbólica do público infantil não se concentra prioritariamente na edificação histórica do quartel, como pensado inicialmente nas narrativas, roteiros e dinâmicas atuais o museu do CBMERJ. Ela acontece, sobretudo, nas viaturas expostas no espaço museal. Enquanto o edifício tem em sua história vínculo à memória institucional e à materialidade arquitetônica, para as crianças segundo fica evidenciado nos seus desenhos, o elemento de maior reconhecimento e

pertencimento são as viaturas. É nelas que se projeta o imaginário do “ser bombeiro”, o movimento, o vermelho, o fogo e a ação.

Esse dado pode indicar uma mudança necessária na abordagem interpretativa do museu. Se o prédio abriga hoje a memória arquitetônica de onde funcionava anteriormente a oficina do Corpo, o espaço de manutenção e preparação das viaturas (Feitosa, 2022, p. 2), hoje são as próprias viaturas que assumem o protagonismo na experiência infantil. O local que outrora era oficina de viaturas mantém, de certo modo, sua vocação simbólica: o material exposto são viaturas, e são elas que mobilizam afetos e narrativas.

Observou-se ainda que muitas crianças, ao visitarem o museu, levam brinquedos e utilizam roupas relacionados ao universo dos bombeiros, especialmente miniaturas de caminhões e carros de combate a incêndio, conforme observado na figura 26. Esse comportamento reforça que a identificação infantil está fortemente associada à dimensão operacional e visual da corporação, e não necessariamente à arquitetura histórica do quartel.

Dessa forma, compreender a centralidade da viatura na percepção infantil pode contribuir significativamente para o aprimoramento das estratégias de mediação museal. Tal compreensão implica não apenas valorizar a história do edifício, mas uma abordagem anteriormente marcada por narrativas adultocêntricas e discursos institucionais consolidados, que tendem a priorizar a memória arquitetônica e histórica sob a ótica adulta. Ao privilegiar essas perspectivas, corre-se o risco de desconsiderar as formas próprias de percepção, expressão e produção de sentido das crianças (Lopes, 2008, p. 66-68, 2017, p. 103–105, 2022, p. 6–8).

Integrada ao turismo pedagógico, essa abordagem transcende espaços tradicionais para uma educação integral e permanente que envolve todo o tecido social urbano, alinhando-se, conforme De Lima (2025, p. 968-970), ao paradigma das cidades educadoras ao converter espaços museais em experiências vivas de educação histórica e inclusão social. Segundo Feitosa (2022, p. 4), isso se exemplifica ao ampliar a visão do museu do CBMERJ “para todo o entorno urbano, desde o deslocamento das casas ao Centro”, transformando trajetos cotidianos em roteiros turísticos-pedagógicos mais inclusivos e com narrativas específicas e trabalhadas. Padilha (2024, p. 170) reforça essa perspectiva ao posicionar o turismo pedagógico como caminho para fomentar reconhecimento municipal e consciência cidadã, apoiando o ensino-aprendizagem ao apreender a realidade local via conhecimentos prévios, cultura e experiências vividas, integrando a educação patrimonial como apropriação coletiva de bens comuns.

Nesse contexto, a análise dos desenhos infantis revelou-se uma metodologia

interessante, pois permitiu acessar dimensões sensíveis, simbólicas e afetivas da experiência patrimonial. Ao aproximar essa prática das discussões de Canosa (2022, p. 1-3), percebe-se que, quando as crianças são reconhecidas como agentes sociais ativos e não apenas como sujeitos vulneráveis a serem protegidos, dispositivos como o desenho deixam de ser meros recursos ilustrativos para se constituírem em espaços efetivos de participação, nos quais elas formulam diagnósticos e propõem caminhos para formas mais sustentáveis de viver e fazer turismo. Essa reflexão dialoga com a crítica de Gabre (2019, p.522), quando defende que a instituição deve promover atividades baseadas em metodologias próprias, deve considerar as especificidades de cada público e acompanhar as transformações contemporâneas do pensamento e da cultura.

Assim, ao reconhecer a potência simbólica das viaturas na construção do pertencimento infantil, o museu não abandona sua narrativa histórica, mas a amplia. A mediação passa, então, a articular memória institucional e cultura material a partir do olhar da criança, reconhecendo não como mera receptora de discursos prontos, mas como sujeito ativo na produção de sentidos sobre o patrimônio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos desenhos produzidos pelas crianças e sua escuta após a visita ao Museu do CBMERJ evidenciou a centralidade da viatura do Corpo de Bombeiros como principal elemento de mediação entre o público infantil, o patrimônio e a instituição. Em grande parte das produções gráficas, o caminhão aparece em posição de destaque, frequentemente associado ao número 193, às cores intensas de vermelho e a cenas de atuação prática. Esses elementos indicam que, para as crianças, a viatura não é apenas um equipamento operacional, mas um símbolo condensador de memórias, afetos e representações sobre o ser bombeiro e sobre o próprio Corpo de Bombeiros. A partir dela, organizam-se as narrativas infantis sobre risco, proteção e cuidado com a vida.

Ao privilegiar a viatura em suas representações, as crianças constroem uma leitura do patrimônio ancorada na ação e no movimento, em contraste com visões mais estáticas e contemplativas que usualmente orientam a exposição de objetos em museus. O caminhão, o número 193 e as cenas de atendimento às ocorrências compõem um repertório imagético que aproxima o patrimônio da experiência cotidiana das crianças, seja por meio de situações que vivenciaram, ouviram ou imaginaram. Nesse sentido, a viatura funciona como porta de entrada para a compreensão infantil do quartel e do museu, articulando memória institucional e memória

social.

Ao reconhecer a criança como sujeito produtor de memória, a pesquisa reafirma o papel do museu no contexto da cidade educadora. O patrimônio deixa de ser apenas objeto de contemplação para constituir-se como ferramenta de formação cidadã, pertencimento e participação social. Democratizar o patrimônio, não significa apenas garantir acesso físico ao espaço museal, mas assegurar que diferentes sujeitos, inclusive as crianças, possam interpretar, ressignificar e narrar a memória institucional a partir de suas próprias experiências. A centralidade da viatura nos desenhos torna-se, assim, um exemplo concreto de como as crianças produzem geografias e memórias próprias, que precisam ser reconhecidas e acolhidas pelas instituições culturais.

Para além da análise acadêmica, esta pesquisa se justificou pela contribuição prática ao aprimoramento das políticas institucionais de mediação museal no âmbito do Museu do CBMERJ. Ao investigar a percepção infantil como fonte legítima de produção de sentido, o estudo propõe que seus resultados possam subsidiar estratégias educativas mais participativas, orientando decisões relacionadas ao roteiro de visita, às metodologias de mediação e às ações voltadas ao público escolar. Atividades que partam da curiosidade pela viatura e pelas cenas de salvamento, por exemplo, podem servir de base para introduzir outros aspectos do patrimônio, como a história do quartel, as memórias da corporação e os bastidores do trabalho operacional. Nesse contexto, o museu se afirma como agente formador inserido na sociedade e comprometido com a construção cidadã.

Assim, o Quartel Central consolida-se não apenas como guardião de uma tradição histórica, mas como território vivo de aprendizagem, escuta e construção coletiva de identidade. Incorporar o olhar infantil às práticas museais, especialmente quando ele se expressa de forma tão marcante na centralidade da viatura, não é apenas uma escolha metodológica, mas uma decisão política e institucional que fortalece a democratização da cultura e a função social do museu. Ao final, reafirma-se que reconhecer as crianças como protagonistas na produção de sentidos sobre o patrimônio é condição para que o Museu do CBMERJ, e o próprio Corpo de Bombeiros, se inscrevam de maneira mais dialógica e inclusiva no projeto de cidade educadora.

Em razão do curto prazo de conclusão do curso, este estudo não pretendeu universalizar resultados, mas apresentar o retrato de dois momentos específicos de observação, compreendidos mais como perspectivas situadas do que como uma visão geral sobre todas as experiências de visita. Tal fato, reforça a necessidade de ampliar a coleta de dados em outras visitas mediadas, permitindo aprofundar futuramente com uma amostragem maior a análise sobre a percepção infantil no espaço museal.

REFERÊNCIAS

- CANOSA, Antonia. (forthcoming 2022), 'Children in Hospitality and Tourism' in D. Buhalis (ed.), *Encyclopedia of Tourism Management and Marketing*, Cheltenham, UK and Northampton, MA, USA: Edward Elgar Publishing. ISBN: 9781800377479
Disponível em: <https://www.elgaronline.com/view/nlm-book/9781800377479/b-9781800377479-Contents.xml>
.Acesso em: 12 mar. 2026.
- CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul./set. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623652329> . Acesso em: 18 jan. 2026.
- DE LIMA, Francielle; TODESCHINI, Luciane Ferreira. Intencionalidade Pedagógica na Gestão Pública do Turismo: Apresentação e análise de estratégia metodológica de ciclo aplicada em cidade educadora brasileira. *Revista de Turismo Contemporâneo*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 965–987, 2025. DOI: 10.21680/2357-8211.2025v13n2ID38333. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/38333>. Acesso em: 3 mar. 2026.
- FEITOSA, Luciano de Almeida. Museu do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro: experiências de educação não formal e mediação museal no projeto Bombeirinhos. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 31, 23 de agosto de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/31/museu-do-corpo-de-bombeiros-do-estado-do-rio-de-janeiro-experiencias-de-educacao-nao-formal-e-mediacao-museal-no-projeto-bombeirinhos>. Acesso em: 19 dez. 2025.
- GABRE, Solange de Fátima. O museu de arte e sua dimensão educativa: em defesa da criança pequena como público. *Atos de Pesquisa em Educação*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 145–168, 2019. DOI: 10.7867/1809-0354.2019v14n1p145-168,2019. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7282>. Acesso em: 18 jan. 2026.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- Lakatos, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2003.
- LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da infância, justiça existencial e amorosidade espacial. ISSN 2238-2097 *Revista de Educação Pública*, v. 31, p. 1-13, jan./dez. 2022 Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v31ijan/dez.12405>. Acesso em: 18 fev. 2026
- LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das crianças, geografias das infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. *Contexto & Educação*, v. 23, n. 79, p. 65-82, 2008.
- LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. *Geografia da infância: onde encontramos as crianças?* Acta Geográfica, Edição Especial, p. 101-118, 2017.
- PADILHA, Marcela do Nascimento; DE OLIVEIRA, Viviane. O Turismo Pedagógico como Instrumento de Democratização dos Espaços da Cidade. História, Natureza e Espaço - *Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 166–186, 2024. DOI:

10.12957/hne.2024.88184. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/niesbf/article/view/88184>. Acesso em: 3 mar. 2026.

REICHERT, Leonardo; CRESCENTE, Claudio Luis; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Turismo e Educação Transformadora: análise das publicações em periódicos científicos de turismo. *Revista Turismo & Cidades*, v. 5, n. 11, 21 Mai 2023 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/turismoecidades/article/view/20527>. Acesso em: 3 mar 2026.

SANTOS, Renata. *Casarão vermelho* : centenário da construção do quartel do Comando Geral do Corpo de Bombeiros, 1908-2008 / [texto] Renata Santos, Nireu Cavalcanti; [fotografia] César Duarte; [versão para o inglês Mapina Pombo]. - Rio de Janeiro : Casa da Palavra : CBMERJ, 2008.

SILVA, Elizandra Cristina; MORAIS, Christianni Cardoso. *A relação das crianças com os museus*: proposta de um trabalho colaborativo para a democratização da cultura. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2024.e95187>. Acesso em: 9 dez. 2025.